

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 02

Data: 28/11/71 Pg.: _____

Os kiriris perderam ESP 28-11-71 grandeza e tradições

De correspondente em
SALVADOR

Os remanescentes da tribo dos índios kiriris, hoje confinados no sertão da Bahia, estão em plena decadência. Das tradições e grandezas dos antepassados só conservam o curandeirismo. Dalva é a curandeira atual. Ela põe um pano branco e uma garrafinha de água na cabeça do doente e reza. A figura do pajé desapareceu há muito tempo.

O cacique é, geralmente, o mais habilidoso no trato com os estranhos, ou, então, quem o posto da Funai indicar. Pele tostada, cabelos pretos e escorridos, olhos rasgados, os últimos kiriris vivem no sertão de Mirandela, a 36 quilômetros de Ribeira do Pombal.

Das raças Tapiniquim e Tucum, guardam apenas o porte alto dos grandes guerreiros que foram seus antepassados. Somavam 10 mil e dominavam a região até 200 anos, quando o branco chegou e, com ele, a decadência. Lutas pela posse da terra e doenças reduziram a tribo a 1.300 indivíduos, que hoje se dividem em quatro aldeias.

AS ALDEIAS

Lagoa Grande, Facão, Baixa da Cangalha e Cantagalo são as quatro aldeias onde a tribo vive. A vila de Marcação, a 30 quilômetros de Pombal, é o último ponto onde se pode chegar por estrada carroçável. Dali a meia légua de caminhada, a pé, está Lagoa Grande, a maior aldeia dos kiriris. Numa baixada, cercada de serras, as palhoças e casinhas de barro espalhadas, num raio de mil metros quadrados, vivem os índios.

Quando não chove na região, todos passam enormes dificuldades. Se a mandioca é insuficiente, a alimentação, como ocorre há muito tempo, é à base de milho. Dele fazem pipoca, paçoca, fubá ou farinha moída no pilão de madeira. A fabricação de arcos e flechas, vendidos na vila de Marcação ou usados para caçar, complementam a sobrevivência.

O pouco dinheiro conseguido é destinado à compra de carne seca e cachaça, mas a caça ainda

é o principal meio de vida. Em cada aldeia há uma escola, onde os jovens são alfabetizados e se habitua no convívio com o branco — agricultores e filhos de fazendeiros, dos quais alguns índios são empregados. Por isso, há índias que namoram brancos e vice-versa, embora os kiriris não esqueçam que os brancos lhes tomaram as terras e são os únicos que possuem rebanhos.

OS INDIOS

Arnaldo é um jovem talhado para chefiar a tribo, quando chegar o tempo. Pouco assíduo na escola, prefere caçar. É exímio arqueiro e tem fama de não errar alvo a 15 metros de distância. Aos 13 anos, musculatura rija, traz no corpo a marca de sua valentia. São duas grandes cicatrizes, no peito e nas costas.

A primeira é o resultado da luta que manteve com um gato do mato, que pegou à unha, depois de flechado; a segunda, deixou-a a faca de um civilizado, com quem brigou. Desconfiado na presença de estranhos, fala baixo, calmamente, quase inaudivelmente. Olhando para o chão, está sempre na posição de guarda característica de seus ancestrais.

Arnaldo é o provável sucessor de Josias, o atual cacique, que pouco pode fazer para defender a sobrevivência da raça. Andreino não esquece as brigas que manteve com os brancos invasores.

Romana, uma das poucas índias que sabe exatamente a idade que tem, é a merendeira da escola. Na sua casa de chão batido e apenas um compartimento, o milho seco se espalha pela terra. Quando consegue, vende um pouco, mas isso é difícil. O ano inteiro o milho é o alimento.

COSTUMES

Dos costumes antigos, apenas um permaneceu intacto entre os

kiriris, no correr dos tempos: o curandeiro é sempre um parente do cacique e é, também, a segunda pessoa em importância na tribo. Dalva é a curandeira atual. Seus apetrechos de trabalho são os "incensos", velas e quadros de santos.

Baixinha, olhos miudos, cabelos caídos sobre os quadris, ela veste uma roupa branca, encardida e velha, para atender os doentes que chegam de todas as aldeias. É também o civilizado. Ela é o único médico da região e de suas rezas e infusões de raízes saem as curas e também numerosas mortes. Ela diz: "É a vontade dos deuses".

Quando é preciso dar uma notícia a toda a tribo, é feita uma convocação. E todos se reúnem numa noite de lua, como faziam antigamente. As discussões se prolongam até o amanhecer, acompanhadas de festas e danças nativas. A defesa da casa é outro hábito que subsiste: quando surja um barraco novo, dão nele um banho com água onde se cozinhou verdura. Três velas são colocadas no interior e três do lado de fora. Mas o casamento mudou e é celebrado por um padre; a forma antiga, da troca de dotes e dos presentes que o noivo tinha que dar, desapareceu.